



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral de Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.^o
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Batalha-Lisboa • Telefone 5339 C.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

O PROBLEMA DA INSTRUÇÃO

O problema da instrução, instrução livre e ampla, sem hipocrisia nem truques que desvirtuem as matérias a aprender, deve preocupar grandemente o operariado. Actualmente, numa sociedade que apenas se mantém sobre a ignorância popular, não é possível realizar os desejos de perfeição que animam a maioria dos revolucionários conscientes. A burguesia monopoliza a instrução, conservando o cérebro das massas na mais cerrada obscuridão.

Essas centenas de escolas que os republicanos prometiam no tempo da monarquia nunca apareceram, nunca se abriram. Se se realizasse essa obra prometida, a república já teria sobornado há muito, porque o povo, mais esclarecido e instruído, não manteeria uma atitude de indiferença pelos seus interesses como a que mantêm agora.

A instrução, abrindo ao homem horizontes novos, cria-lhe uma necessidade de bem-estar e uma sede de justiça indomáveis. Uma república imoral, governantes corruptos, como estes, só podem existir quando o povo, falso de instrução, não pode exercer a necessária ação fiscalizadora.

Todas as imperfeições que a sociedade burguesa alimenta tem conveniência em desenvolver, todas as taras que transformam o indivíduo no monstruoso sanguinário, no sátiro, no alcoólico ou no preguiçoso, só poderão ser poucos a poucos eliminadas pela ação da instrução e educação.

Para que a obra educativa moderna, que já está perfeitamente delineada por vários pedagogos, verdadeiros beneméritos, como Ferrer, por exemplo, — para que essa obra educativa possa ser iniciada é necessário destruir a velha sociedade capitalista, apresentar o mundo sobre novas bases económicas que permitam a expansão e a propaganda da instrução.

Portanto, a obra de instrução deve iniciar-se desde já. Os rapazes novos, curiosos, amigos do saber, em vez de frequentarem o café ou a taberna, devem ir para as bibliotecas, ingressar nas escolas que já existem por aí e que não são para desprezar.

Chamando a atenção dos leitores para o conteúdo do telegrama que noutro lugar publicamos, cremos contribuir um pouco para que a instrução se desenvolva.

Pró-Presos e Demitidos Ferroviários

APÉLO

A todos os organismos operários a quem enviamos circulares, apelando para a solidariedade dos seus componentes, pede esta Comissão para abreviarem o envio do auxílio que lhes foi solicitado, em consequência da situação das vítimas da reacção militar e governamental, ser cada vez mais desesperada e necessariamente de pronto socorro, para o que é impotente a solidariedade da classe ferroviária, cuja situação é também desesperadora, por agora.

Tanto aos organismos de Lisboa como aos da província, pede esta Comissão, o imediato envio de quaisquer importâncias já obtidas.

A Comissão Pró-Presos e Demitidos Ferroviários.

Vende-se em Paris na rua d'Abbeville n.º 18

Em torno dos Sóvietes

Martens parte para a Rússia com quarenta companheiros de trabalho

WASHINGTON, 5. — Ludwig Martens, embaixador dos Sóvietes, submeteu formalmente à ordem de deportação dada por Wilson.

Espera-se que em 20 de Janeiro se retire para a Rússia acompanhado de quarenta companheiros de trabalho.

Rádio.

(1)

EM TOURS

CONGRESSO NACIONAL

Partido Socialista Francês

Agosto de 1914. O Congresso de Tours acabou com ela, irremediavelmente. Descubramos perante os seus despojos, e pensemos nos imensos deveres que contraímos aderindo à Internacional Comunista.

Por muito cheia de defeitos que esteja a III Internacionat de Moscova, por muito insuficiente que o seu programa se mostre, é indublatível que esta nova aitude dos socialistas franceses demonstra as suas convicções revolucionárias e o seu desejo de avançar.

A sessão de abertura

Formalidades

O Congresso iniciou os seus trabalhos no dia 25 de Dezembro, por volta das onze horas da manhã. Uma filarmónica socialista de Tours executou a International. Um grupo de meninas canaria de ipis o Chant des Ouvriers. De Pierre-Dupont. Els só depois deste intervalo musical que Frossard declara a sessão definitivamente aberta. Assumiu

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Na Rússia Vermelha

A INSTRUÇÃO PÚBLICA

A curiosidade das massas

(DA ROSTA-WIEN, EDIÇÃO FRANCESA)

MOSCÓVIA, 26.—A guerra e a Revolução acordaram nas massas um deserto forte de saber, de se instruir. Para fazer uma ideia desse desejo, basta observar o povo nos comícios e nos congressos, ver como ele se mantém de pé, sem fazer um movimento sequer durante longas horas, para não perder uma palavra dos discursos dos oradores. E este interesse das massas não se manifesta só entre as questões do dia; mesmo os Sóvietes das vilas mais pequenas e mais distantes pedem que lhes enviem oradores e conferencistas para que lhes expliquem a Revolução Francesa, a história geológica da terra, o lugar da mulher na sociedade, etc.

Um combóio de propaganda que, com a sua livraria ambulante, se detém perto das vilas atrai grande quantidade de velhos, de mulheres, de raparigas e rapazes.

Parce que elas desejariam tudo comprar, se fosse possível, mas o combóio não lhes pode levar senão uma pequena parte do seu tesouro de livros, porque há ainda muitas aldeias cuja população sedenta de ciência é preciso contentar.

Pode dizer-se que não há domínio da vida pública onde os operários e camponeses tenham desenvolvido um trabalho tan intenso como no domínio da cultura geral. Constrói-se casas do povo, instalam-se clubes, bibliotecas e centros. Fazem-se representações de teatro. Toda a Rússia se interessa pelo teatro; troupes de artistas amadores organizam-se um pouco por toda a parte. Há províncias que contam mais teatros do que fôda a França. Os institutos de cultura geral são tan numerosos que, por vezes, mesmo os centros da província não conhecem os seus nomes. É fácil trabalhar numa atmosfera assim.

As dificuldades materiais

Mas, desgraçadamente, é preciso contar com as dificuldades materiais existentes. Há muito poucos livros escolares e os jornais são forçados a restringir a tiragem. Há falta de professores, de conferencistas e de bibliotecas. E depois este trabalho de propaganda intelectual entre as massas é absolutamente novo, não se pode fazer sem estudos profundos e práticos.

Enfim o número insuficiente de caminhos de ferro e a má comunicação postal e outras dificuldades de ordem material contribuem também para tornar difícil este trabalho de propaganda e mantê-lo as vilas no seu isolamento. Mas, apesar de tudo, a instrução pública fez progressos notáveis.

Somos forçados, na Rússia, a dedicar os nossos esforços ao género de trabalho intelectual que nos outros países da Europa não são necessários. O tsarismo deixou-nos uma herança de milhões de analfabetos. Assim, na província de Saratov encontramos ainda dois milhões de analfabetos; há igualmente dois milhões na província de Viatka; um milhão e meio na província de Homel; 1.200.000 no distrito de Rjazan, 300.000 no distrito de Pensa, 500.000 no de Vologda, etc. E sobretudo nas províncias orientais que se encontram mais ilustradas.

O conselho dos comissários tomou várias medidas contra o analfabetismo

O conselho dos comissários do povo publicou um decreto tomando uma série de medidas contra o analfabetismo. Foi nomeada uma comissão extraordinária que se impôs o dever de reduzir o número de analfabetos. Na última sessão do comité executivo dos Sóvietes foi igualmente decidido que se fizesse uma campanha energica contra o analfabetismo, e que os órgãos do Estado deviam por todos os meios sustentar a comissão extraordinária.

Os exemplos seguintes dão uma ideia geral do trabalho feito por esta comissão: No distrito de Tambow 48.000 adultos aprenderam a ler e a escrever. Num distrito da repartição de instrução pública do distrito de Tcherepovets verifica-se que 57.007 analfabetos freqüentaram nestes anos as escolas do governo. Na província de Ivanovo-Vasnesensk, em Nosospisk, todos os homens maiores de 40 anos aprenderam a ler e a escrever nas escolas para os iletrados. Em Petrogrado há 500 cincoscentas escolares com uma ou duas escolas cada uma; 9.000 analfabetos aprenderam a ler e a escrever e actualmente 25.000 pessoas frequentam as escolas de iletrados.

Em Calouga abriram-se 190 escolas; 1.000 no distrito de Saratow; 130 em Kosmodemiansk; 40 em Gzhatsk e em Zhisira; 180 em Arcângel; 198 em Omsk; 200 em Yellabougá, etc. Foram impressos livros escolares nos idiomas seguintes: russo, polaco, alemão, tártaro, tcheco-eslovaco, vodíaco, modivinense, ossetas, letónio, estónio e judaico.

A campanha contra o analfabetismo deu resultados notáveis em Petrogrado e no distrito de Tcherepovets.

Esta questão atraiu durante longo tempo a atenção do Sóviete de Petrogrado. Máximo Gorki visitou várias vezes as escolas de iletrados e explicou aos proletários a importância do trabalho intelectual e do engrandecimento da cultura geral do país.

O povo deve instruir-se, custe o que custar

As autoridades soviéticas, criando instituições que tornem possível a cada cidadão aprender a ler e a escrever, pedem a estes que provejam o momento que se lhes oferece. Algumas sóvietes locais tomaram para este efeito resoluções interessantes. No distrito de Casane, por exemplo, todos os que se recusaram a ir à escola foram condenados a 5.000 rublos de multa ou a três meses de trabalhos forçados; para castigo os carões de alimentação foram-lhes retirados. Em Petrogrado os iletrados que se recusaram a ir à escola serão inscritos numa categoria alimentar inferior, ou levados perante os tribunais e expulsos do seu sindicato. No distrito de Tambow a assinatura dum iletrado não é considerada válida.

O Sóviete de Saratow emitiu a ordem seguinte: Os cidadãos que frequentam voluntariamente as escolas para iletrados tem direito aos seguintes privilégios: 1.º receberão um certificado de estudos que os livram do serviço militar, de todas as obrigações para com o Estado; 2.º O sélo da comissão de província contra o analfabetismo será colocado nos cartões de alimentação, o que permitirá receber a ração alimentar sem que tenham necessidade de esperar e fazer bicha em frente das repartições de distribuição; 3.º Aproveitarão, sem longa espera pelo seu turno, da distribuição de objectos de lá. Os que com preguem desertar das escolas, serão presos, levados aos tribunais e internados num campo de concentração.

Para levar a bom fim a campanha contra o analfabetismo, o Estado tem naturalmente necessidade dum número suficiente de professores. O distrito de Tcherepovets forneceu-nos um exemplo da maneira como os professores foram preparados para desempenhar o seu papel. Foram organizados cursos especiais dos quais participam todos os professores do governo, cursos dos quais fazem parte 10.000 estudantes e finalmente cursos especiais para os examinadores de instrução pública, dos quais fazem parte 26 professores.

programa aceito no ano passado pelo Congresso de Estrasburgo.

Rapport protesta com velejamento, justificando a inversão da ordem dos trabalhos. Goude increpa furiosamente os comunitários.

Isto é uma escamoteação — exclama ele. — Serões mais fracos se dissessem que não querem discutir a ação parlamentar porque isso vos incomoda.

Os extremistas protestam em quanto Goude conclui:

Depois da votação respeitante a Moscova sabem bem que se não discutir mais, pois que muitos dos vossos estão resolvidos a expulsar-nos do Partido.

As esquerdas conseguem que se passe a votação por mandatos.

DIA 25

A sessão da tarde

Uma declaração de Goude

Preside Faure (do Loire). Abrindo a sessão, Frossard anuncia o resultado da votação sobre o estabelecimento da ordem dos trabalhos. A favor da imediata discussão sobre a adesão à Terceira Internacional pronunciaram-se 2.916, Rejeitaram 1.228. Abstiveram-se 244 e 49 ausências.

Assim que Frossard conclui, Goude apresenta a seguinte declaração, em nome de vários delegados:

A maioria vem, desde a primeira sessão da manha, tradicionalmente consagrada

Hábil dos Sindicatos Operários

Em sua reunião de anteontem realizada, depois de ter dado despacho a diverso expediente, ocupou-se uma vez mais do irregular funcionamento do Tribunal dos Arbitrios Avindores pelo facto de não ter presidente. Tomou conhecimento da correspondência que sobre o assunto foi enviada à Câmara Municipal e ao ministro do trabalho, além do resultado de uma entrevista havida com um dos secretários do mesmo ministro sobre o assunto, isto quando sa. ex.º se não encontra em Lisboa, sentido de que aquelas duas entidades cumpram a lei no que ao referido tribunal diz respeito. Resolveu aguardar a chegada do referido ministro para juntar dele e da câmara tratar do assunto, a fim de que tenha rápida solução. Apresentou também uma comunicação do vogal operário Manuel dos Santos, em que pedia a demissão do mesmo cargo, resolvendo-se convidar o referido camarada a comparecer no gabinete deste organismo para dar explicações sobre a sua resolução, lamentando que Rates quer que ele seja. Mude-se tudo, deixe ele da de ser o que é e então talvez Rates possa pretender que ela seja, o tal organismo político a convidar burgueses para a valsa do trabalho ao serviço da socialização das riquezas, sob a féria dos conselhos do povo ou coisa equivalente.

A C. G. T. não pode pretender exercer a ditadura sem falsear a missão para que foi instituída, enquanto a sua organização e finalidade social forem a que tem actualmente. A C. G. T. actual é a negação daquilo que Rates quer que ela seja. Mude-se tudo, deixe ele da de ser o que é e então talvez Rates possa pretender que ela seja, o tal organismo político a convidar burgueses para a valsa do trabalho ao serviço da socialização das riquezas, sob a féria dos conselhos do povo ou coisa equivalente.

Nas respostas 4.ª e 5.ª, que tratam respectivamente da melhoria na produção e da actividade comercial, é que C. G. T. deu largas à fantasia e ao esplendor, que resolverá em definitivo.

Também apreciou a forma como o governo civil continua calcando o direito de liberdade de reunião e tornou conhecimento de uma *démarche* sobre o assunto efectuado junto do presidente do ministério, que ficou de informar das razões porque o mesmo cavaleiro assim procede.

O conselho de delegados, que ontiveria reunir, não o pôde fazer por falta de número de delegados.

UMA BOA INICIATIVA

Una Escola de Amadores de Teatro

Com um número razoável de alunos inscritos, abre no próximo dia 15 as aulas de arte de representar, que sob a direcção do distinto actor-encenador Araújo Pereira, acabam de ser instaladas pela Escola de Amadores de Teatro.

Sucesivamente se inaugurarão os cursos de sociologia, psicologia e história e as aulas de dança, esgrima, etc.

Esta escola, procurará realizar entre os que, principalmente em França e Inglaterra, se têm feito em projecto de arte no teatro, e recebe adesões dos que se puzerem em prática, como lá se diz, *tudo integralmente cumprido e atacado*, muitas saudades havia de desperdiçar o tempo do despotismo burguês, mesmo nas épocas em que esse despotismo se manifestava em ditaduras políticas. E, de resto, a nota dominante em toda a transformação preconizada pelo trabalho de Rates, é a sua independência dada à liberdade do individuo, fazendo dele um puro instrumento, uma peça da máquina onde se é metido a força, ficando cada um, depois de cumprir tudo a que o poder o obriga, com a liberdade de fazer tudo... que o ditador permite.

Bastava esse aspecto dado à organização da produção e do comércio, na qual o individuo sente perder a sua personalidade, limitar a sua iniciativa, para que a sua reacção natural provocada pelo espírito de liberdade, se produziram atritos constantes e dificuldades de toda a ordem no funcionamento da organização. Mas ainda que esse espírito de liberdade se não manifestasse, lá estava, para dificultar e impedir até o regular e útil funcionamento dos serviços, a minúcia da regulamentação, a unidade, e sobretudo a forma absoluta como as coisas se apresentavam, sem se atender as circunstâncias do meio social das regiões.

Como se explica, senão por uma fantasia de legislador, que se diga, nas proposições fundamentais — respostas 4.ª e 5.ª — que a ditadura tem em vista a *socialização de todos os meios de produção — de todos* — anulando os intermediários — todos, é claro — na compra, venda e circulação de produtos? Se um legislador, um organizador, tivesse em vista comprometer uma revolução de carácter socialista, no amplo significado do termo, não poderia proceder melhor, propondo-se fazer tudo a que o poder o permitisse.

Estas classes voltam a reunir em assemblea comum no próximo dia 9 do corrente, pelas 10 e meia horas, afim de apreciar o estado das reclamações e vários outros assuntos.

As propostas de finanças

Se os adversários se não reconciliam...

O euc é simples. O Estado tem actualmente um deficit orçamental superior a 300.000 contos. As receitas gerais do Estado orçam por 120.000 contos e as suas despesas por 430.000. Até aqui o Estado foi cobrando o excesso de despesas sobre as receitas com o recurso do aumento de circulação fiduciária. As notas em curso em Julho de 1914 somavam 83.000 contos; hoje atingem quase 600.000.

E' evidente que este estado de coisas não podia nem deveria continuar e vai o sr. Cunha Leal pretender dum golpe arranjar os 300.000 contos que lhe faltam no orçamento de receita com as suas medidas tributárias. Tem realmente o país capacidade tributária para pagar aqueles 300.000 contos? Nós conhecemos o Portugal continental de um a outro extremo, têmo-lo percorrido em todos as direções. Pois bem; à face das informações directamente obtidas nos diversos pontos visitados, podemos garantir que existe larga capacidade tributária, embora não atinja os 300.000 contos! Não foi um, nem dois, nem três casos em que verificámos um rendimento colectável 50 vezes maior ao fixado na matriz para o efeito do pagamento das colectas. A contribuição predial rústica rendeu em 1913, última estatística publicada, a importância de 3.526 contos. E como o imposto não sofre, até agora, modificação, foi quanto deve ter rendido ainda em 1920. E' uma irrisão. A propriedade rústica pode muito bem pagar dez vezes mais, isto é, 35.000 contos, e sem necessidade de enxossar o imposto que o Estado lhe vai arrancar.

Outro tanto sucede com a contribuição industrial, d'á qual o sr. Tomé de Barros Queiroz, que não suspeito como nós, dizia há pouco, no congresso do partido liberal, que podia render 50.000 contos e não rende actualmente nem 4.000.

Mas o proprietário, o industrial, o comerciante, etc., habituaram-se há muito a rendimentos muito altos e não irão cedê-los em parte para acudir às necessidades do Estado.

Em boa verdade o Estado, que gasta com a força pública — polícia, guarda fiscal e republicana, exército e marinha — o melhor de 136.000 contos; que perdulariza com o funcionalismo civil 84.000 contos; que vem de há muito tempo fazendo uma política de esbanjamentos e desperdícios criminosos, não tem autoridade para exigir

Acérca dum artigo

Bastantes dias volvidos sobre a publicação do artigo *Não alimentemos ilusões*, inserido no número de *A Batalha* de 14 de Dezembro, foi deixado nesta oficina pelo camarada Domingos Pereira, que representa a Associação dos Manipuladores de Pão no comitê realizado em 12 pela U. S. O., o seguinte escrito, cuja publicação por nossa vez demoramos em virtude do qual o diretor ter sido forçado a estar ausente de Lisboa:

Com o título *Não alimentemos ilusões*, escrevi *A Batalha*, num dos seus artigos de fundo, algumas alusões à forma como o governo tentava enganar os trabalhadores, dia 12 de Dezembro, promovido pela U. S. O. de Lisboa, para tratar da questão ferroviária. Já devia ter feito estas declarações, mas o meu estado de saúde não o permitiu. No entanto, no dia anterior, os primeiros que protestaram contra o governo de menos energia, fiz-o na melhor das intenções, e devo afirmar que as explicações dadas não me satisfazem, porque se a C. G. T. tivesse procurado levantar as outras classes no começo do conflito, as nossas posições seriam muito diferentes. Fiz então levantar as restantes. Diz o artista que é eu não ardo embrenhado nas lutas operárias. Devo dizer-lhe que sou um velho militante, não só nas lutas operárias em Portugal, como nas estrangeiras, que por elas tenho passado grande parte da minha vida. Fui membro da estive em priso 36 meses; no Estado de São Paulo, alguns meses e, por ultimo, no Rio de Janeiro, de onde fui deportado pelas autoridades epíticas para Portugal. Portanto, devo afirmar-lhe que conheço a fundo os combateiros que podemos usar. E se o camarada Vieira fala, eu posso prová-lhe com documentos o que aqui lhe afirmo.

Diz o camarada Vieira que eu fui menos verdadeiro e, cumulativamente, ilógico quando falei da C. G. T. e o seu próprio protagonista, quando falei do seu compromisso de fazer assim livre de todos os compromissos.

Operários Ferroviários — Em reunião dessa classe realizada anteontem delibera-se a sua coordenação devia procurar-la a tempo, de forma que as greves não tivessem o seu desastroso desfecho e os camaradas grevistas não tivessem que lamentar.

Diz também que não pode considerar as explicações do delegado dos Manipuladores de Pão patrocinados pelo sindicato. Devo dizer que fui mandado pelo sindicato, mas os oradores são mandados e depois lá nomeiam responsabilidade das suas classes, como é o caso das minhas. O camarada Vieira quer que a classe a quem honra de pertencer não corresponda ao chamamento da C. G. T. Eu devo dizer que apesar de d'á não estar quando do momento da discussão da questão da C. G. T. e da Fábrica, a minha classe acompanhou o movimento. Mas é para lastimar que as restantes classes não fossem solidárias, o que é competência, porque o movimento era de todos. As restantes classes metiam-se nas bichas e na sua altura recebiam o pão, com o mínimo protesto, quando lhes davam o devido de fazer rebolo nas bichas e fazer sair para a rua os anarcos.

O Estado, para realizar o equilíbrio orçamental, tem necessariamente de começar pela compreensão das despesas públicas, e neste capítulo bem se poderia fazer uma economia superior a 100.000 contos. Mas qual é o governo que se arrisca a dar esse passo? Qual o estadista português que se avverte a reduzir os quadros do funcionalismo público, civil e militar? Não o fazem os nossos homens do Estado, eles que criaram essa mesma situação eles que precisam de assegurar a fidelidade das clientelas políticas que dão os votos e as cadeiras de deputados.

Deixemos às turmas as fórcas vivas com o Estado. O espectáculo não deixa de ser interessante para nós.

Se as duas partes em litígio se entendem, já sabemos que somos nós e não outros quem paga o preço da paz.

Mas, se os adversários se não reconciliarem?

Então, então, possivelmente o árbitro chamado a dirimir o pleito chamará a si o bolo e devorá-lo há a seu contento.

J. C.

Federação das cooperativas

Uma sucursal no Porto

Entre as cooperativas que compareceram no Porto, nos dias 27 e 28 de Dezembro p. e. o presidente e secretário da Federação, ficou assente convocar durante o mês corrente uma reunião das Cooperativas do Norte, federais e não federais, a quem a Sucursal aproveite e de todas as pessoas que se dedicam ao cooperativismo e as que desejem organizar cooperativas a fim de se organizar definitivamente a Sucursal e estabelecer-se as bases que devem ser estudadas na grande reunião de todas as Cooperativas do país que se deve realizar em breve em Lisboa, como preparatório para o próximo congresso das Cooperativas.

Ficou nomeada uma comissão representante das seguintes cooperativas do Porto e Gaia: Povo Português e Tabacos, Paniçaria, Portuguesa e Economia Doméstica, composta dos sr. António Pinto de Carvalho, Castro e Silva, Serafim dos Anjos da Piedade, Henrique da Costa Lima e Augusto Francisco da Costa, que tem por fim conjuntamente com a Federação estudar os trabalhos que devem ser apresentados à reunião do Porto e entender-se com as cooperativas interessadas.

Da continuação dos trabalhos preparatórios será dado conhecimento a todas as cooperativas.

Lei do inquilinato

Informam-nos na secretaria da justiça que são inexatos os pormenores que vieram a público acerca da proposta de lei sobre o inquilinato, que o dr. sr. Lopes Cardoso vai apresentar ao parlamento.

A aventura de D'Annunzio

Reina tranquilidade em Fiume

ROMA, 5.—Reina completa tranquilidade em Fiume. A população fluminense entrega-se às maiores manifestações de júbilo, testemunhando assim a sua satisfação pelo tratado de d'Abbaia e a volta ao sossego. — Rádio.

Um delegado de D'Annunzio recorda os serviços prestados por este

PARIS, 5.—O capitão Antogni declarado de D'Annunzio em França, declarou ao *Matin* ser inexato que D'Annunzio tinha estado em desacordo com os franceses. O capitão pede aos franceses para não esquecerem o papel histórico desempenhado por D'Annunzio no momento da entrada da Itália na guerra. — Rádio.

A BATALHA

Últimas notícias

Bastantes dias volvidos sobre a publicação do artigo *Não alimentemos ilusões*, inserido no número de *A Batalha* de 14 de Dezembro, foi deixado nesta oficina pelo camarada Domingos Pereira, que representa a Associação dos Manipuladores de Pão no comitê realizado em 12 pela U. S. O., o seguinte escrito, cuja publicação por nossa vez demoramos em virtude do qual o diretor ter sido forçado a estar ausente de Lisboa:

Com o título *Não alimentemos ilusões*, escrevi *A Batalha*, num dos seus artigos de fundo, algumas alusões à forma como o governo tentava enganar os trabalhadores, dia 12 de Dezembro, promovido pela U. S. O. de Lisboa, para tratar da questão ferroviária. Já devia ter feito estas declarações, mas o meu estado de saúde não o permitiu. No entanto, no dia anterior, os primeiros que protestaram contra o governo de menos energia, fiz-o na melhor das intenções, e devo afirmar que as explicações dadas não me satisfazem, porque se a C. G. T. tivesse procurado levantar as outras classes no começo do conflito, as nossas posições seriam muito diferentes. Fiz então levantar as restantes. Diz o artista que é eu não ardo embrenhado nas lutas operárias. Devo dizer-lhe que sou um velho militante, não só nas lutas operárias em Portugal, como nas estrangeiras, que por elas tenho passado grande parte da minha vida. Fui membro da estive em prisão 36 meses; no Estado de São Paulo, alguns meses e, por último, no Rio de Janeiro, de onde fui deportado pelas autoridades epíticas para Portugal. Portanto, devo afirmar-lhe que conheço a fundo os combateiros que podemos usar. E se o camarada Vieira fala, eu posso provar-lhe com documentos o que aqui lhe afirmo.

Diz o camarada Vieira que eu fui menos verdadeiro e, cumulativamente, ilógico quando falei da C. G. T. e o seu próprio protagonista, quando falei do seu compromisso de fazer assim livre de todos os compromissos.

Operários Ferroviários — Em reunião dessa classe realizada anteontem delibera-se a sua coordenação devia procurar-la a tempo, de forma que as greves não tivessem o seu desastroso desfecho e os camaradas grevistas não tivessem que lamentar.

Diz também que não pode considerar as explicações do delegado dos Manipuladores de Pão patrocinados pelo sindicato. Devo dizer que fui mandado pelo sindicato, mas os oradores são mandados e depois lá nomeiam responsabilidade das suas classes, como é o caso das minhas. O camarada Vieira quer que a classe a quem honra de pertencer não corresponda ao chamamento da C. G. T. Eu devo dizer que apesar de d'á não estar quando do momento da discussão da questão da C. G. T. e da Fábrica, a minha classe acompanhou o movimento. Mas é para lastimar que as restantes classes não fossem solidárias, o que é competência, porque o movimento era de todos. As restantes classes metiam-se nas bichas e na sua altura recebiam o pão, com o mínimo protesto, quando lhes davam o devido de fazer rebolo nas bichas e fazer sair para a rua os anarcos.

O Estado, para realizar o equilíbrio orçamental, tem necessariamente de começar pela compreensão das despesas públicas, e neste capítulo bem se poderia fazer uma economia superior a 100.000 contos. Mas qual é o governo que se arrisca a dar esse passo? Qual o estadista português que se avverte a reduzir os quadros do funcionalismo público, civil e militar? Não o fazem os nossos homens do Estado, eles que criaram essa mesma situação eles que precisam de assegurar a fidelidade das clientelas políticas que dão os votos e as cadeiras de deputados.

Admitimos igualmente que o não-satisfazem as explicações dadas, porque também a nós não satisfazem os argumentos que aduz no seu escrito, e isto por partirmos do princípio de que não é a C. G. T. que deve levantar as corporações, mas essas é que devem levantar aquela, princípio aliás que não pode ser considerado anti-sindicalista e muito menos por quem, como o referido camarada, se apresenta como um velho militarista nas lutas operárias em Portugal e no estrangeiro e que, sobre isto, afirma «conhecer a fundo os meios combativos de que podemos usar.»

Não pomos nem pusemos em dúvida que o representante da Associação dos Manipuladores de Pão expressar-se da forma por nós criticada o fizemos, como diz, na melhor das intenções. O pior é que de boas intenções está o mundo cheio, e todavia o mundo mostra-se desviado da sua direção natural que há uma grande classe que forceja, e dessa classe faz parte aquela camarada e nós também, por transformá-la a estrutura.

Admitimos igualmente que o não-satisfazem as explicações dadas, porque também a nós não satisfazem os argumentos que aduz no seu escrito, e isto por partirmos do princípio de que não é a C. G. T. que deve levantar aquela, princípio aliás que não pode ser considerado anti-sindicalista e muito menos por quem, como o referido camarada, se apresenta como um velho militarista nas lutas operárias em Portugal e no estrangeiro e que, sobre isto, afirma «conhecer a fundo os meios combativos de que podemos usar.»

Não carecemos nós que o camarada Pereira ateste com documentos as afirmações que faz quanto à sua pessoa, cujo fundamento não contestamos, o que aliás não invalida os pontos de vista postos no nosso artigo, antes pelo contrário.

Não compreendemos, além disso, como o mesmo camarada, no segundo período do seu escrito, se manifesta de acordo connosco acerca das deduções que tiramos do discurso que pronunciou no comício, para em seguida reincidir na orientação que combatemos, orientação que insistimos em considerar anti-sindicalista.

Por último somos a considerar as suas expressões como não patrocinadas pelo sindicato, exactamente pelas razões que expusemos no final do nosso artigo, razões que Domingos Pereira não destriô, nem mesmo invocando, como o faz despropósitoamente, aquela questão das bichas e dos amarelos, nam se tais amarelos pertenciam à corporação em que forma ou a quaisquer outras, porque o não dizer o nosso confrade com clareza, nem aliás é preciso, porque não é disso que se trata agora.

Não compreendemos, além disso, como o mesmo camarada, no segundo período do seu escrito, se manifesta de acordo connosco acerca das deduções que tiramos do discurso que pronunciou no comício, para em seguida reincidir na orientação que combatemos, orientação que insistimos em considerar anti-sindicalista.

Por último somos a considerar as suas expressões como não patrocinadas pelo sindicato, exactamente pelas razões que expusemos no final do nosso artigo, razões que Domingos Pereira não destriô, nem mesmo invocando, como o faz despropósitoamente, aquela questão das bichas e dos amarelos, nam se tais amarelos pertenciam à corporação em que forma ou a quaisquer outras, porque o não dizer o nosso confrade com clareza, nem aliás é preciso, porque não é disso que se trata agora.

Não compreendemos, além disso, como o mesmo camarada, no segundo período do seu escrito, se manifesta de acordo connosco acerca das deduções que tiramos do discurso que pronunciou no comício, para em seguida reincidir na orientação que combatemos, orientação que insistimos em considerar anti-sindicalista.

Por último somos a considerar as suas expressões como não patrocinadas pelo sindicato, exactamente pelas razões que expusemos no final do nosso artigo, razões que Domingos Pereira não destriô, nem mesmo invocando, como o faz despropósitoamente, aquela questão das bichas e dos amarelos, nam se tais amarelos pertenciam à corporação em que forma ou a quaisquer outras, porque o não dizer o nosso confrade com clareza, nem aliás é preciso, porque não é disso que se trata agora.

Não compreendemos, além disso, como o mesmo camarada, no segundo período do seu escrito, se manifesta de acordo connosco acerca das deduções que tiramos do discurso que pronunciou no comício, para em seguida reincidir na orientação que combatemos, orientação que insistimos em considerar anti-sindicalista.

Por último somos a considerar as suas expressões como não patrocinadas pelo sindicato, exactamente pelas razões que expusemos no final do nosso artigo, razões que Domingos Pereira não destriô, nem mesmo invocando, como o faz despropósitoamente, aquela questão das bichas e dos amarelos, nam se tais amarelos pertenciam à corporação em que forma ou a quaisquer outras, porque o não dizer o nosso confrade com clareza, nem aliás é preciso, porque não é disso que se trata agora.

Não compreendemos, além disso, como o mesmo camarada, no segundo período do seu escrito, se manifesta de acordo connosco acerca das deduções que tiramos do discurso que pronunciou no comício, para em seguida reincidir na orientação que combatemos, orientação que insistimos em considerar anti-sindicalista.

Por último somos a considerar as suas expressões como não patrocinadas pelo sindicato, exactamente pelas razões que expusemos no final do nosso artigo, razões que Domingos Pereira não destriô, nem mesmo invocando, como o faz despropósitoamente, aquela questão das bichas e dos amarelos, nam se tais amarelos pertenciam à corporação em que forma ou a quaisquer outras, porque o não dizer o nosso confrade com clareza, nem aliás é preciso, porque não é disso que se trata agora.

Não compreendemos, além disso, como o mesmo camarada, no segundo período do seu escrito, se manifesta de acordo connosco acerca das deduções que tiramos do discurso que pronunciou no comício, para em seguida reincidir na orientação que combatemos, orientação que insistimos em considerar anti-sindicalista.

Por último somos a considerar as suas expressões como não patrocinadas pelo sindicato, exactamente pelas razões que expusemos no final do nosso artigo, razões que Domingos Pereira não destriô, nem mesmo invocando, como o faz despropósitoamente, aquela questão das bichas e dos amarelos, nam se tais amarelos pertenciam à corporação em que forma ou a quaisquer outras, porque o não dizer o nosso confrade com clareza, nem aliás é preciso, porque não é disso que se trata agora.

Não compreendemos, além disso, como o mesmo camarada, no segundo período do seu escrito, se manifesta de acordo connosco acerca das deduções que tiramos do discurso que pronunciou no comício, para em seguida reincidir na orientação que combatemos, orientação que insistimos em considerar anti-sindicalista.

Por último somos a considerar as suas expressões como não patrocinadas pelo sindicato, exactamente pelas razões que expusemos no final do nosso artigo, razões que Domingos Pereira não destriô, nem mesmo invocando, como o faz despropósitoamente, aquela questão das bichas e dos amarelos, nam se tais amarelos pertenciam à corporação em que forma ou a quaisquer outras, porque o não dizer o nosso confrade com clareza, nem aliás é preciso, porque não é disso que se trata agora.

Não compreendemos, além disso, como o mesmo camarada, no segundo período do seu escrito, se manifesta de acordo connosco acerca das deduções que tiramos do discurso que pronunciou no comício, para em seguida reincidir na orientação que combatemos, orientação que insistimos em considerar anti-sindicalista.

Por último somos a considerar as suas expressões como não patrocinadas pelo sindicato, exactamente pelas razões que expusemos no final do nosso artigo, razões que Domingos Pereira não destriô, nem mesmo invocando, como o faz despropósitoamente, aquela questão das bichas e dos amarelos, nam se tais amarelos pertenciam à corporação em que forma ou a quaisquer outras, porque o não dizer o nosso confrade com clareza, nem aliás é preciso, porque não é disso que se trata agora.</